

HOSPITALIDADE, HOSPITABILIDADE E *UBUNTU* NO VOLUNTURISMO

Hospitality, Hospitableness and *Ubuntu* in Voluntourism

DIEGO RIBEIRO SANTOS¹ & MIRIAN REJOWSKI²

RESUMOⁱ

Neste artigo, apura-se a ocorrência da alteridade e da solidariedade como princípios fundantes da Hospitalidade e da Filosofia, e Ética relacional denominada *Ubuntu*, a partir experiência de volunturismo de brasileiros em países africanos, na região subsaariana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratório-descritiva, por meio de entrevistas semiestruturadas com volunturistas que estiveram na África do Sul, Gana e Quênia. Encontraram-se características e atitudes hospitaleiras nas descrições realizadas pelos volunturistas sobre o modo como agiram com os comunitários tanto nas interações relativas à execução do trabalho voluntário quanto em outras vivências durante a viagem. Em relação à Hospitalidade africana, notou-se o impacto causado pela alegria, felicidade, gratidão e simplicidade dos residentes. Quanto aos aprendizados, mudanças de atitudes e transformações nos volunturistas em âmbito individual e coletivo observados, compreendeu-se que viver em comunidade significa apoiá-la por meio de atos de cooperação e respeito mútuo, valores presentes no espírito de *Ubuntu*.

PALAVRAS-CHAVE

Hospitalidade; *Ubuntu*; Hospitabilidade; Hospitalidade Africana; Volunturismo.

ABSTRACT

This article aims to investigate the occurrence of alterity and solidarity as founding principles of hospitality and the philosophy and relational ethics called *Ubuntu* from the experience of Brazilians volunteering in sub-Saharan African countries. Qualitative, exploratory-descriptive research was carried out through semi-structured interviews with voluntourists who had been to South Africa, Ghana, and Kenya. Hospitable characteristics and attitudes were found in the volunteers' descriptions of how they acted with the community members both in the interactions during the execution of the volunteer work and in other experiences during the trip. Regarding African hospitality, it was noticed an impact caused by residents' joy, happiness, gratitude, and simplicity. Through the observation of learnings, changes in attitudes, and transformations in voluntourists both individually and collectively, it has been understood that living in a community means supporting it through acts of cooperation and mutual respect, which are values present in the spirit of *Ubuntu*.

KEYWORDS

Hospitality; *Ubuntu*; Hospitableness; African hospitality; Voluntourism.

¹ **Diego Ribeiro Santos** – Doutor. Estágio Programa Capes de Pós-Doutorado em Hospitalidade na Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6173042514530885>. E-mail: diego_rsantos@outlook.com

² **Mirian Rejowski** – Doutora. Bolsista Produtividade em Pesquisas, CNPq 1C. Professora no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8468269699377558>. E-mail: mirwski@gmail.com

INTRODUÇÃO

A conceituação e a origem da Hospitalidade perpassam a história da civilização urbana, sendo este processo registrado em vários aspectos da existência humana, cuja abrangência comporta deveres, rituais e virtudes percebidas no acolhimento de estrangeiros, em atos de caridade, expressões de amizade, na prestação de serviços públicos e privados, entre outras manifestações presentes nas relações humanas (Camargo, 2004; Montandon, 2003). Por definição academicamente difundida, abordar a questão da Hospitalidade comporta não somente as práticas organizacionais de fornecimento de alimento, bebida e acomodação, mas cada vez mais engloba discussões aprofundadas que vão do poder à equidade, servindo como uma ferramenta potencialmente poderosa de análise social (Lynch et al., 2011).

No contexto do Turismo, insere-se o termo guarda-chuva turismo voluntário ou volunturismo, que por definição original se refere ao ato de viajar com o intuito de atenuar as dificuldades de comunidades em situação de vulnerabilidade financeira, prestar auxílio na restauração cultural e ambiental (Wearing, 2001). Trata-se de uma das áreas emergentes do Turismo na contemporaneidade, destinando-se a turistas engajados em viagens promovidas por empresas com ou sem fins lucrativos, para realizar trabalho voluntário em diversas modalidades em âmbito nacional e internacional, sendo o continente africano um dos mais procurados e visitados para esta prática (Wearing & McGehee, 2013). Continente este, onde em alguns países localizados na região subsaariana, compartilha-se a filosofia e ética relacional denominada *Ubuntu*, que diz respeito à interconexão entre os seres e a responsabilidade mútua, que formam a base da Hospitalidade no continente africano (Kashindi, 2017; Kaungu, 2021; Kholopa, 2020; Nussbaum, 2003).

Destarte, levando-se em conta a habilidade ou o grupo de características pessoais de indivíduos em serem hospitaleiros (Telfer, 2004) e as leis não escritas da Hospitalidade como influenciadoras do sucesso ou insucesso das interações (Camargo, 2021), crê-se que o exercício do volunturismo serve de palco para experiências de Hospitalidade em que os voluntários podem agir de modo hospitaleiro, assim como seus anfitriões. Isto posto, estabeleceu-se como objetivo principal averiguar a ocorrência da alteridade e da solidariedade como princípios fundantes da Hospitalidade e *Ubuntu*, a partir experiência de volunturismo de brasileiros em países da região subsaariana do continente africano.

Organiza-se este artigo a partir de abordagens e percepções sobre o volunturismo, de perspectivas sobre Hospitalidade e hospitabilidade e do tema da circulação da dádiva na filosofia e ética relacional *Ubuntu*. Na sequência, apresentam-se os procedimentos metodológicos, a apresentação e análise dos resultados, e considerações finais. Espera-se trazer mais insumos às discussões sobre essa modalidade de turismo, agregando o tema da Hospitalidade e dos princípios de *Ubuntu*, colocando no centro da atividade a criação e a manutenção de vínculos duradouros por meio de uma prática de voluntariado em viagem mais sustentável, plural e humanizada.

ABORDAGENS E PERCEPÇÕES SOBRE O VOLUNTURISMO

Conforme Benson (2011), o turismo voluntário ou volunturismo corresponde a um dos segmentos emergentes na contemporaneidade, procurado por turistas em busca de experiências e atividades que lhes permitam exercer a boa vontade, pelos mais variados motivos. A modalidade compõe um setor cujas oportunidades de voluntariado em âmbito nacional e internacional são oferecidas por organizações de caridade e empresas com fins lucrativos, dentre as quais se encontram aquelas voltadas ao empreendedorismo social e outras essencialmente comerciais, por meio de programas que agregam projetos sociais, de conservação de comunidades, ecológicos, de saúde e educacionais.

A relevância e ascensão do volunturismo foi apontada em um estudo de 2008, que documentou seu avanço expressivo desde a década de 1990, com a participação estimada anual de 1,6 milhão de pessoas engajadas mundialmente com projetos de turismo voluntário, tendo, em sua maioria, a América Latina, África ou Ásia como destino. A maioria desses voluntários eram mulheres, com idade entre 20 e 25 anos, motivadas pela descoberta de outras culturas, opções de trabalho, voluntariado e estudo no exterior, que em média teriam despendido entre £832 milhões e £1,3 bilhão [R\$5,2 bilhões – R\$8,1 bilhões] por ano (Tourism Research & Marketing, 2008). Corroborando a importância desta vertente, canais de comunicação especializados em turismo indicaram que a tendência de crescimento se tornou uma realidade ao se considerar a marca mundial de 10 milhões de turistas voluntários, contabilizados como parte do grupo daqueles que buscam viagens que tenham tal propósito (Colaço, 2018; Vieira, 2018).

Vale ressaltar que a pandemia da Covid-19 prejudicou a atividade turística e o desenvolvimento internacional, impactando significativamente negócios e organizações de turismo voluntário

(Bajrami et al., 2023; Chen et al., 2023; Higgins-Desbiolles et al., 2022). Esta modalidade, por vezes, é criticada por sua natureza comercial, supostamente com superficialidade de projetos, tanto pelo apelo neoliberal (Vrasti, 2013) como pela reprodução de discursos imperialistas e neocolonialistas (Bandyopadhyay, 2019; Bandyopadhyay & Patil, 2017). Segundo Tomazos e Murdy (2020), a prática deverá ser revista e reformulada, alicerçando-se mais vigorosamente em fundamentos da sustentabilidade, para que se recupere e retome as atividades que, provavelmente, serão mais requeridas em razão do aumento da vulnerabilidade no globo terrestre. Na literatura crescente sobre volunturismo, além de temas emergentes como as interfaces com a tecnologia ou financiamento coletivo, a motivação dos participantes se mantém como um dos principais assuntos estudados, contemplando não somente a discussão sobre o altruísmo em oposição ao autodesenvolvimento, mas também proposições que indicam maior sofisticação ou complexidade das motivações volunturistas (McGehee, 2014).

A partir de pesquisas empíricas sobre os principais elementos que motivam os turistas voluntários a se envolverem no volunturismo em âmbito internacional, Grabowski (2013) verificou a ocorrência dos seguintes fatores motivacionais: o altruísmo; a viagem por si só; a aventura ou descoberta; a interação social; o desenvolvimento pessoal; o desenvolvimento profissional; a imersão cultural; o fato de estar na hora certa ou lugar certo. Por sua vez, Proyrungroj (2017) identificou cinco características principais na composição do volunturismo: (i) elementos de voluntariado e de viagens; (ii) boa vontade e altruísmo como fatores motivacionais dos volunturistas; (iii) benefícios recíprocos; (iv) intercâmbio cultural; e (v) participação de indivíduos do Ocidente em atuação nos países em desenvolvimento. Entre as poucas investigações que tratam das motivações de turistas voluntários brasileiros, encontra-se a pesquisa de Müller e Scheffer (2019) com a categorização de quatro fatores principais de influência para a participação em uma viagem de voluntariado, sendo eles: (i) turismo com significado; (ii) experiências de vida; (iii) momentos de crise; e (iv) busca por sentido.

Müller et al. (2020) apontaram que as condições adversas, acontecimentos inesperados, além do choque cultural vivenciados pelos volunturistas brasileiros junto às comunidades receptoras no exterior, desencadearam um movimento de aprendizagem transformativa que os fez aumentar o grau de sensibilização e concepção de mundo, reavaliar a prioridade e importância das coisas, relativizar problemas, avaliar o próprio consumo e a capacidade de enfrentar situações adversas ou imprevistas, assim como compreender diferenças culturais, contribuindo para suas carreiras e até mesmo para o desejo em retribuir as suas próprias comunidades por

meio do aprendizado intercultural obtido e reconsideração de valores em prol de ações voltadas ao próximo.

PERSPECTIVAS SOBRE HOSPITALIDADE E HOSPITABILIDADE

Na entrevista concedida por Derrida à Dufourmantelle (2003), a Hospitalidade é representada como uma incondicionalidade ética e condicionalidade política, ou seja, é delineada como a dádiva ilimitada de recursos e do espaço do anfitrião em uma troca condicional, que “serve para fustigar os comportamentos inospitais e hostis entre nações e indivíduos” (Camargo, 2015, p. 51). Meneses (2015) ao discorrer sobre o pensamento derridiano, sustentado pelo conceito de amizade verdadeira ou de perfeição [*teleia philia*] de Aristóteles, traduz Hospitalidade como uma “relação de alteridade” (p. 102), que não significa neutralidade ou desinteresse.

Em sua teoria da dádiva, a tríplice relação dar-receber-retribuir, Mauss (2018) racionaliza o mecanismo a partir do qual sociedades originais não só organizavam as suas regras sociais, mas também estabeleciam laços e alianças sociais ou faziam as pazes pela obrigação de dar e receber um presente, um dom, um convite, um objeto, um conhecimento etc., sendo mandatária a obrigação da retribuição para a manutenção dos vínculos. Camargo (2004) assinala que o ato de retribuir a dádiva não interrompe ou conclui o ciclo da Hospitalidade, pois a Hospitalidade, enquanto dádiva, é responsável por “costurar, sedimentar e vivificar o tecido social e colocar em marcha esse processo sem fim que alimenta o vínculo humano” (p. 24). Segundo o mesmo teórico, se pode, portanto, compreender a Hospitalidade não somente “como o ato humano, exercido em contexto doméstico, público ou profissional de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat” (p. 19), mas também como um encontro em que “a relação interpessoal instaurada implica uma relação, um elo social, valores de solidariedade e de sociabilidade” (Montandon, 2003, p. 132).

Para Lashley et al. (2007), a Hospitalidade é vista “como um espelho que reflete as normas sociais, valores, crenças e ideologias” (p. 173), por meio de uma estrutura ou lente multifacetada na qual o sentido do anfitrião/hóspede se ajusta de acordo com o contexto sociocultural que se insere. Segundo Lugosi (2008), as manifestações da Hospitalidade se estendem até sua provisão visando o êxito social ou político até a meta-Hospitalidade identificada como experiências emocionais circunstanciais que superam a racionalidade de sua expressão, chamados de momentos *communitésque*. Assim, verifica-se a abrangência da concepção de Hospitalidade,

que circula entre diversas correntes de pensamento, ora divergentes, ora complementares, e que transitam nos meandros da história do homem em sociedade e em suas relações, voltando a um ponto central que se vê na constituição, reconstituição ou rompimento de uma aliança ou elo. Camargo (2015) aponta que os “**domínios** da Hospitalidade acontecem na realidade nos **interstícios** [grifo do autor] de um cotidiano e de uma história marcada pela inospitalidade quando não pela hostilidade” (p. 45).

A partir da significação basal de Hospitalidade, Telfer (2004) introduz o tema acerca da hospitabilidade enquanto característica inerente a determinados indivíduos em serem hospitaleiros, sendo uma virtude ou uma qualidade moral facultativa. O comportamento hospitaleiro se une ao desejo de proporcionar a Hospitalidade, sendo os indivíduos caracterizados como mais ou menos genuinamente hospitaleiros a depender da postura que adotam.

Dessa maneira, enquanto se tem a Hospitalidade como um atributo basilar e presente em toda a existência humana, compreende-se a hospitabilidade como a oferta de Hospitalidade em forma de doação ou de generosidade por indivíduos dispostos a agir de modo hospitaleiro sem que haja expectativa acerca de reciprocidade ou algum benefício próprio (Blain & Lashley, 2014; Lashley, 2015; Lashley & Morrison, 2001; Lashley et al., 2007). Lashley (2015) representou hospitabilidade a partir de um continuum, abrangendo “desde ocasiões em que a Hospitalidade é oferecida com a expectativa de se obter lucro, até situações em que a Hospitalidade é oferecida meramente pela alegria e pelo prazer de acolher” (p. 82). Blain e Lashley (2014) desenvolveram um instrumento para mensurar a hospitabilidade em sua versão altruísta no qual foram inseridas declarações de atitude consideradas aplicáveis tanto para trabalhadores do segmento de Hospitalidade, quanto para o anfitrião em contexto doméstico, contemplando “o desejo de que o hóspede esteja sempre em primeiro lugar, antes até de si mesmo”, “o desejo de fazer os seus hóspedes felizes” e “o desejo de fazer com que seus hóspedes se sintam especiais” (Lashley, 2015, p. 87).

A hospitabilidade, enquanto fenômeno sociopsicológico, trata-se de “uma dimensão humana que permeia diferentes contextos sociais e comerciais” e de “características positivas atitudinais, comportamentais e de personalidade dos anfitriões que resultam em respostas emocionais positivas nos hóspedes ao se sentirem acolhidos, expectados, cuidados, seguros e importantes”, que corresponde ao “componente mais proeminente, dinâmico e influente da

Hospitalidade”ⁱⁱ (Tasci & Semrad, 2016, p. 31). Guimarães (2019) avaliou as características e estímulos determinantes para o agir hospitaleiro e defendeu que a hospitabilidade é resultado da combinação de elementos motivacionais internos e externos, identificando atitudes implícitas e explícitas, motivadas intrínseca ou extrinsecamente, e concluindo que “ser hospitaleiro é apresentar algumas, ou todas, dessas características e atitudes nos encontros e relacionamentos” (p. 149).

Camargo (2021) aponta para a crescente exigência acerca da oferta de Hospitalidade imbuída de humanidade, pessoalidade e cordialidade não-protocolar, tanto em âmbito familiar quanto comercial, incluindo-se o turismo, tornando-se importante levar em conta as leis não escritas da Hospitalidade para que as interações, quando existentes no encontro com outrem, sejam bem-sucedidas, evitando-se episódios de inospitalidade ou até mesmo de hostilidade. Tasci et al. (2021) sugerem que a cultura oriental parece dar um significado mais profundo e complexo para este conceito em comparação com a ocidental, fato que desafia o segmento turístico em razão do envolvimento de consumidores e prestadores de diferentes culturas na cocriação de experiências. Desse modo, é necessário oportunizar aos mais variados *stakeholders* da cena turística o aprendizado e a apreciação da complexidade cultural de modo a conduzir a uma experiência holística e transformacional para que percebam a hospitabilidade por meio de uma interação fundamentada por uma atitude mente aberta, paciente, atenciosa, flexível e livre de preconceitos.

O encontro, seja ele entre anfitrião e hóspede, recebedor e recebido, comerciante e cliente, ou mesmo entre comunitário e viajante voluntário, pode ser marcado por graus e formas distintas de interação, podendo até mesmo prescindir desta. Todavia, chama-se a atenção para o sucesso destas interações no campo da Hospitalidade altruísta ou genuína, a depender de motivações intrínsecas e extrínsecas, definida por Camargo (2021) como:

[...] o selo que marca o encontro entre pessoas que sabem e gostam de receber e de serem recebidos, que conhecem e praticam instintivamente ou por aprendizado as leis da Hospitalidade. Esses momentos são frequentes entre os voluntários de toda sorte, clérigos e até mesmo entre os profissionais do serviço. A hospitabilidade designa a Hospitalidade genuína e marca os encontros mais memoráveis do cotidiano. (p. 6)

Tal definição não somente atribui às ocasiões de atividades sociais e humanitárias a chancela hospitaleira, mas também apresenta seus praticantes ou quaisquer indivíduos instruídos ou beneficiados pelo dom da hospitabilidade “como aqueles personagens bastante representados na ficção que, ao serem confrontados entre o protocolo, a atitude mais cômoda, e essência de

suas missões, optam por este caminho mais difícil e arriscado” (Camargo, 2021, p. 6). Camargo (2021) afirma que a Hospitalidade consiste em atos, em que os atores em determinada cena representam como se comportar com hospitabilidade, porém, na cena subsequente podem desempenhar um papel que expressa hostilidade, permitindo deduzir que as interações de uma pessoa cuja hospitabilidade é proeminente costumam ser hospitaleiras.

CIRCULAÇÃO DA DÁDIVA A PARTIR DA FILOSOFIA E ÉTICA RELACIONAL AFRICANA *UBUNTU*

Kashindi (2017) indica que *Ubuntu* se refere ao alicerce da ética africana subsaariana, compreendida como biocentrista, ou seja, centrada na valorização de todas as manifestações de vida, e holística. Pode-se atribuir a *Ubuntu* o resgate de comportamentos culturais comunitários africanos baseados em diversos princípios como compaixão, reciprocidade, dignidade humana, Hospitalidade, respeito e amor ao próximo (Kaungu, 2021; Kholopa, 2020; Nussbaum, 2003). Nussbaum (2003) indica que *Ubuntu* se refere a uma filosofia social latente na cultura africana, que vai ao encontro da interconexão entre os seres, ou seja, da humanidade compartilhada e comum e da responsabilidade mútua que flui a partir desta conexão. Ambas formam a base da Hospitalidade a partir da cosmopercepção africana, que dá ênfase à interdependência por compreender que cada pessoa faz parte de uma comunidade como um todo, alicerçando-se na concepção de que ninguém é uma ilha (Kholopa, 2020).

Em linhas gerais, *Ubuntu* corresponde a uma tradição humanista edificada dentro do continente africano, que se refere a uma lei não escrita da Hospitalidade (Kaungu, 2021) ou à natureza comunitária da Hospitalidade encapsulada na expressão idiomática *matsoho a hlatswana* na língua pertencente ao tronco linguístico banto sesoto [ou soto do Sul], compreendida como “uma mão auxilia a lavar a outra” e interpretada como “ao ajudar uma pessoa, ajuda-se a si mesmo”ⁱⁱⁱ que remete ao senso de solidariedade e identidade em *Ubuntu* (Kholopa, 2020, p. 109). Na língua xhosa, o aforismo *Ubuntu ungamuntu ngabanye abantu* é interpretado por alguns estudiosos africanos como “eu sou porque nós somos; e dado que nós somos, então eu sou”^{iv} (Mbiti, 1969, p. 141) ou apenas “eu sou porque nós somos”, como prefere sintetizar o arcebispo emérito anglicano Desmond Tutu (Kashindi, 2015).

Castiano (2010) afirma que devido a esta perspectiva sobre o comportamento humano, origina-se a natureza ética de *Ubuntu*, em que só se pode evidenciar a humanidade de alguém por meio de modos de agir que comportem o respeito ao outro, a indulgência, a paciência, a integridade

e o altruísmo, além de outros comportamentos como escutar os outros, nutrir o perdão e o entendimento entre os indivíduos. Percebe-se que, mais do que um vocábulo *per se*, *Ubuntu* assume a posição de filosofia e ética relacional da África subsaariana e alcança o patamar de uma cosmopercepção africana. Tutu (1999), por vezes, reforçou quão complexo é verter *Ubuntu* a qualquer língua ocidental, contudo, sua mensagem retrata a:

[...] própria essência do ser humano. Quando queremos exprimir grande admiração por alguém, dizemos: 'Yu, u nobuntu'; 'Ei, fulano tem Ubuntu' [grifo do autor]. Então você é generoso, hospitaleiro, amigável, atencioso e compassivo. Você compartilha o que você tem. Quer dizer, 'Minha humanidade está presa, está inextricavelmente ligada, à sua'. (p. 34)^v

Nyaumwe e Mkabela (2007), propõe o resgate do axioma do qual *Ubuntu* se fundamenta em estar-com-outros de modo efetivo, além de preceitos associados como o tratamento com deferência e benevolência com o outro, a ajuda mútua, a solidariedade, a Hospitalidade, a simpatia e a empatia. Para ambos, a combinação desses aspectos identificáveis no cotidiano daqueles que vivem em comunidades promovem a cooperação e unidade entre seus membros. Segundo Louw (2010), tomar a filosofia ética de *Ubuntu* como um pensamento unicamente africano, soaria como uma prática etnocêntrica, uma vez que valores como benevolência, humanidade, entendimento, assim como, zelo e compartilhamento, fazem parte de diversas filosofias europeias e asiáticas (Binsbergen, 2001), variadas concepções de mundo, correntes de pensamento e religiões presentes nas sociedades humanas.

Por mais que estes princípios éticos sejam mais evidentes no comportamento africano, ou seja, representam uma insígnia africana explicativa do modo afetivo como se relacionam uns com os outros no continente, trata-se de uma ética moral, potencialmente, admissível em outras partes do globo. O conceito de entreatura e partilha como precedentes à preocupação com o acúmulo e proteção de bens e riqueza, ou seja, nesta filosofia indígena africana “o ser humano individual deve ser considerado não apenas como o doador de valores, mas como o valor básico e mais importante de todos os valores” (Ramose, 2002, p. 753)^{vi}. Isto posto, verifica-se que *Ubuntu* comporta preceitos que correspondem à oferta dádiva, não somente no compartilhamento de bens, mas também de si em comunhão com os outros a ser observado em um processo de fortalecimento mútuo, geração de solidariedade e preservação da humanidade. Kashindi (2017), estabelecendo paralelos entre a etimologia de alguns termos e a concepção do povo africano banto, assinala que aquele que age com mesquinha seria um miserável, tacanho, sem nobreza em seu espírito, não sendo visto como uma pessoa, pois não teria mais a

posse de seu *Ubuntu*, ou seja, de sua humanidade. Por outro lado, uma pessoa ao oferecer ou partilhar algo com alguém é considerada generosa, ou em outras palavras, nobre, genealogicamente boa ou genuína. A oferta ou compartilhamento torna aquele que age com generosidade em alguém capaz de gerar algo, realizar um bem, aumentando sua força vital (Tempels, 2016). Ao mesmo tempo, explica Kashindi (2017), que este bem oferecido provoca no beneficiário tanto o reconhecimento de *Ubuntu* daquele que doou, entendido como *untu* [pessoa], quanto a obrigação ou responsabilidade para com esse doador. Na ocasião deste reconhecimento e resposta à recepção de algo compartilhado, o recebedor está também a fazer o bem, aumentar sua força vital, ou seja, fortalecendo-se por meio desta circularidade.

Assim sendo, Kashindi (2017) determina que em razão da essência do agradecimento que permeia a cultura africana na região subsaariana ser mais abrangente do que o significado estrito do vocábulo, quando alguém não reconhece o dom ofertado não é *untu* ou corresponde a uma má pessoa. Em contraposição, o reconhecimento e resposta ao dom, mostra que o indivíduo possui habilidade de resposta, ou seja, tem responsabilidade e aptidão para responder, sendo reconhecido como uma pessoa com mais *untu*, depreendendo-se que sua força vital cresce, a torna mais forte, em outros termos, solidificada. Desse modo, quando ambos, doador e recebedor, realizam um bem, um deles pela dádiva oferecida e o outro pelo reconhecimento e resposta ao dom, têm a força vital intensificada, fortalecendo-se e solidificando-se por meio de um ato de generosidade recíproco (como uma gratuidade), ou seja, uma demonstração de solidariedade (Kashindi, 2017).

Retoma-se a linha de raciocínio de Ramose (2002), que apresenta a conclusão de que “longe de ser nostalgia de uma tradição obsoleta, a invocação da filosofia de direitos humanos *Ubuntu* é um desafio crível no combate à lógica mortal de busca do lucro em detrimento da preservação da vida humana” (p. 754)^{vii}. Esperançando garantir a integridade dos seres humanos, seu meio e suas relações, soma-se a esta perspectiva o conjunto de interpretações de *Ubuntu* não somente como uma filosofia, uma ética biocêntrica e holista, um humanismo, uma cosmo percepção, mas também como uma qualidade distintiva do indivíduo inserido em uma comunidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Examinar a manifestação da Hospitalidade e do agir hospitaleiro de volunturistas brasileiros em países da região subsaariana do continente africano envolve uma série de elementos desafiadores para a pesquisa. Por se tratar de uma atividade comoditizada, torna-se complexo avaliar quão genuínas são as relações e conexões estabelecidas no contexto do turismo, mesmo que haja o componente do voluntariado na viagem. Com vistas a atingir os objetivos delimitados, encaminha-se uma pesquisa qualitativa (Minayo, 2009), exploratório-descritiva (Gil, 2010), com coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas. Adota-se o paradigma interpretativista de pesquisa, cuja ontologia adotada é denominada de interação sujeito-objeto cuja linha de pensamento epistemológica assenta-se no construtivismo em razão de sua preocupação com a interpretação de um fato (Saccol, 2009).

Definiu-se o tipo de amostra como não-probabilístico intencional, selecionando-se para compor grupo de entrevistados, sete volunturistas brasileiros que realizaram suas viagens com o suporte de uma agência especializada em volunturismo e exerceram atividade voluntária em países do continente africano, onde *Ubuntu* permeia as tradições de diversos povos. Ateve-se a este critério como fundamental independentemente do tipo de programa escolhido, porém, valeu-se da certificação de que a experiência vivida por essas pessoas envolvia a interação com residentes das regiões visitadas. A composição deste grupo deu-se por meio da técnica intitulada bola de neve e pela busca ativa nas redes sociais das organizações especializadas em volunturismo seguindo protocolo similar ao de Müller e Scheffer (2019).

Com vistas a investigar o material gravado e transcrito após as entrevistas, selecionou-se a análise de conteúdo e categorização temática de Bardin (2011), combinada ao método de codificação em ciclos de Saldaña (2013) com a utilização do software MAXQDA 2022. É importante reconhecer que a abordagem qualitativa e o método definido para alcançar os objetivos deste estudo possuem limitações, como, por exemplo, descrição parcial de fatos e ocorrências, número reduzido de sujeitos na composição da amostra e influência do julgamento, crenças e envolvimento dos pesquisadores com o objeto. Todavia, procurou-se olhar com profundidade o fenômeno investigado e contornar as dificuldades encontradas.

RESULTADOS

Características Gerais da Amostra - Apresenta-se a seguir, no Quadro 1, a caracterização dos

respondentes e da experiência de voluntariado em viagem vivenciada pelos volunturistas brasileiros em países da África subsaariana.

Quadro 1. Caracterização geral dos entrevistados – Volunturistas

Informante	Gênero	Idade	Raça	Formação	Data da viagem	País escolhido	Tipo de programa
V1	M	41	B	Mestre em Saúde Pública	fev./2015	Quênia	Auxílio geral/ recreação infantil em um centro de acolhimento de crianças
V2	F	32	B	Graduanda em Serviço Social	dez./2018	África do Sul	Auxílio pedagógico e recreativo em creche para crianças da periferia
V3	M	30	B	Mestrando em Psicologia Social e Organizacional	dez./2018	Quênia	Auxílio geral/ recreação em um centro de acolhimento de meninas
V4	M	31	B	Graduado em Engenharia de Controle e Automação	dez./2018	Quênia	Auxílio geral/ recreação em um centro de acolhimento de meninas
V5	M	36	P	Pós-graduado em Sociologia e Estratégias de Impacto Social	fev./2018	Gana	Construção de um sistema de esgoto/ recreação infantil em um orfanato
V6	F	29	B	Graduada em Marketing	dez./2018	África do Sul	<i>Bartending</i> em uma pousada/ Ajuda em tarefas de cozinha de um <i>hostel</i>
V7	F	26	N	Graduada em Administração de Empresas	abr./2018	África do Sul	Auxílio pedagógico e recreativo em creche para crianças da periferia

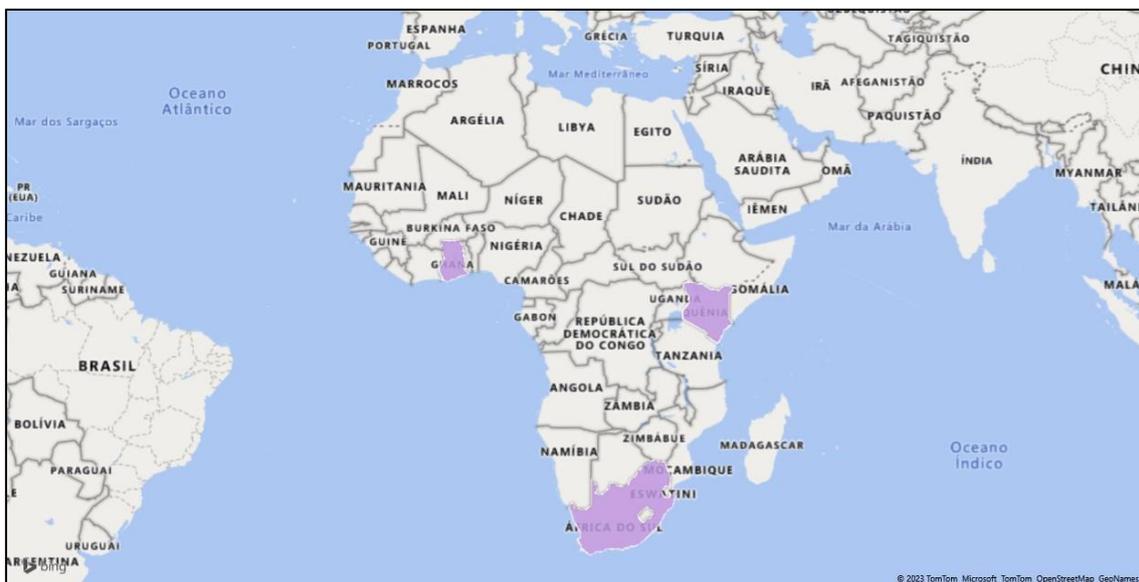
Nota. B = branca; P = parda; N = negra. **Fonte:** Elaboração dos autores (2023).

Do total de sete participantes, quatro são homens cisgênero e três são mulheres cisgênero. Todos são adultos com idades que variam entre 26 e 41 anos. A maioria declarou ser da raça branca, uma das participantes declarou ser negra e outro declarou ser pardo. A maioria dos entrevistados concluiu o ensino superior. Os volunturistas entrevistados demonstraram interesse em viagens e a maioria relatou ter experiência em viagens convencionais a turismo tanto nacionais quanto internacionais. Uma das viagens de voluntariado descritas ocorreu em 2015 e as demais ocorreram no ano de 2018. Todos os informantes descreveram a primeira experiência que tiveram com voluntariado em viagem, porém, ao menos três deles informaram ter participado de ações voluntárias pontuais em âmbito nacional.

Os destinos escolhidos, conforme ilustra a Figura 1, compreenderam os seguintes países do continente africano da região subsaariana: África do Sul (3); Quênia (3); Gana (1). De acordo com o programa ONU-Habitat, dedicado à viabilização de moradias apropriadas, a África do Sul é um dos países mais urbanizados do continente com mais da metade da população (66,4%) alocada em áreas urbanas, todavia, apesar do desenvolvimento de áreas portuárias, os resquícios do apartheid, em termos econômicos e sociopolíticos, desequilibram o desenvolvimento entre as zonas rural e urbana e influenciam o sistema urbano, que segue fragmentado com migração intensa de indivíduos de áreas rurais para os centros urbanos, evidenciando problemas como superpopulação, falta de habilidades profissionais, desemprego, criminalidade e assentamentos informais. Em Gana, pouco mais da metade da população (54,8%) mora em áreas urbanas, contudo, as cidades são constituídas de favelas sem acesso à água potável, saneamento e moradia licenciada. Por sua vez, no Quênia, menos da metade da população (27%) mora em áreas urbanas apesar da taxa de urbanização ser alta (4,3% por ano) e, com o rápido crescimento populacional, observa-se o aumento de assentamentos ilegais superlotados que carecem de infraestrutura básica, como serviços de esgoto, oferta de água potável, acesso à moradia, que resultam no aumento da pobreza e delinquência (UN-HABITAT, 2020).

736

Figura 1. Mapa do continente africano com destaque para África do Sul, Gana e Quênia



Fonte: Elaboração dos autores a partir do software Microsoft Excel® (2023).

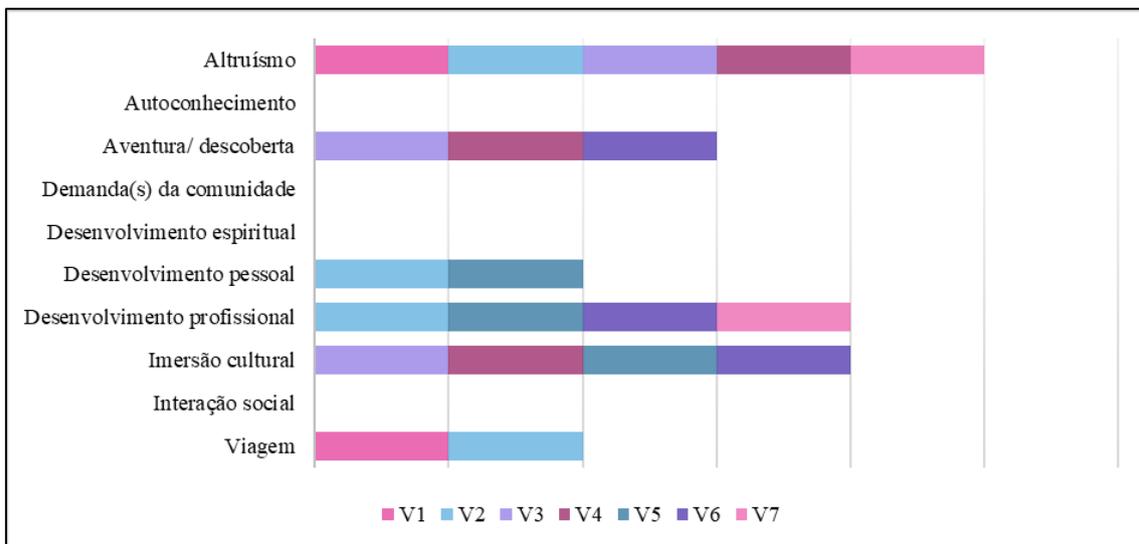
O período mínimo na prática de volunturismo retratada nas entrevistas foi de 5 dias e o período máximo foi de 3 meses. Os programas selecionados pelos volunturistas entrevistados

compreenderam atividades de auxílio geral, de cozinha, pedagógico e de recreação infantil em creches em regiões de periferia, centros de acolhimento e orfanatos parceiros das organizações contratadas pelos viajantes.

Categorias de Análise - A Hospitalidade, os princípios de *Ubuntu* e a ocorrência da hospitabilidade adaptada ao contexto do volunturismo foram identificados a partir das motivações, das expectativas, do comportamento e das atitudes dos volunturistas bem como a partir do exame da descrição das relações dos entrevistados com os membros das comunidades dos países da África subsaariana. A seguir, apresentam-se as principais categorias de análise que suportam esta identificação.

Motivação e expectativas - Para levantar a motivação e as expectativas dos volunturistas entrevistados foi necessário conectar qual o fator ou fatores de escolha do destino. Os volunturistas mencionaram itens relacionados à oportunidade de aprimorar e praticar o idioma inglês, ter contato com uma cultura diferente e realizar atividades de voluntariado em si. Na Figura 2, pode-se verificar o agrupamento das motivações citadas pelos respondentes a partir das principais motivações de turistas voluntários segundo Grabowski (2013).

Figura 2. Principais motivações dos volunturistas entrevistados



Fonte: Elaboração dos autores (2023).

Neste agrupamento, verificou-se em ordem ascendente de ocorrências os seguintes fatores de motivação: a viagem; o desenvolvimento pessoal por meio de uma “*quebra de bloqueios*” (V2)

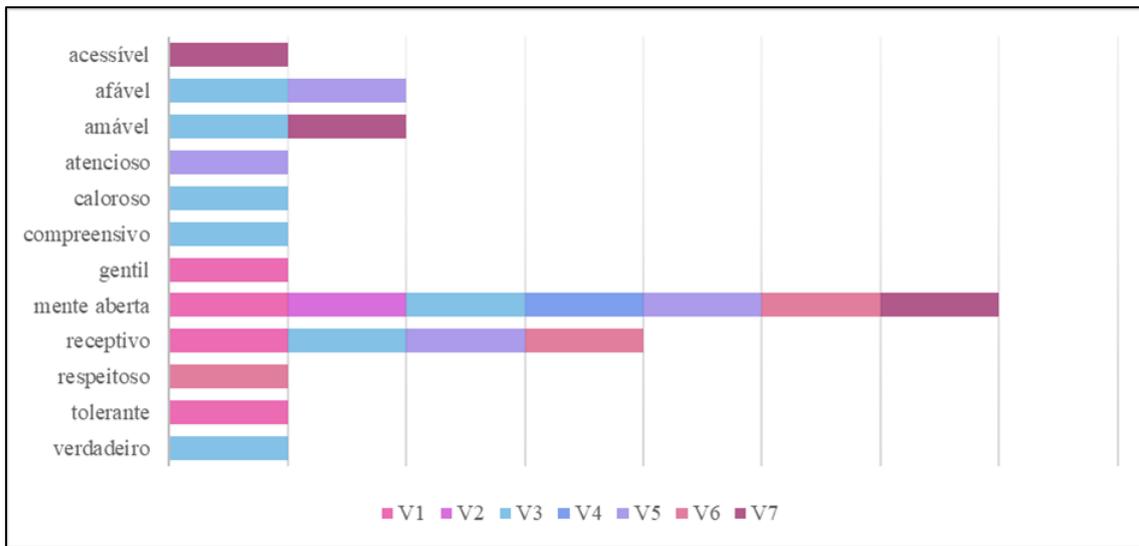
e “*maior entendimento do mundo, de abertura e clareamento das lentes da vida*” (V5); a aventura/descoberta; o desenvolvimento profissional por meio da comunicação em inglês; a imersão cultural; e o altruísmo expresso pelo trabalho voluntário.

No que tange às expectativas dos entrevistados, nota-se que duas das volunturistas entrevistadas que foram para a África do Sul retrataram estar com medo por conta de possíveis barreiras de comunicação em inglês e por estarem viajando sozinhas para um país estrangeiro. No entanto, ambas participantes ansiavam ter essa experiência em virtude de poder “*encontrar, conhecer novas pessoas, ver aquelas paisagens maravilhosas*” (V7) e de se transformar. Apesar de mencionar não ter muitas expectativas, V4 “*estava bem aberto a conhecer*” o Quênia e a realidade do país. Segundo ele há “*um apelo muito grande na África [...] de necessidade mesmo [...] pelo menos com a informação que eu tinha naquele momento, eu acho que, acho que comprovou um pouco, [...] é muito carente*” (V4). V1 assim como V4 teve uma postura de abertura para vivenciar a experiência de voluntariado no Quênia. O volunturista se dirigiu ao país com a expectativa de “*mudar o mundo, porque todo voluntário pensa nisso: eu vou para o Quênia pra [sic] fazer a diferença*” (V1).

Encontrou-se suporte na literatura a partir da apuração da pesquisadora Proyrungroj (2017) sobre os elementos constitutivos desta modalidade turística, que revela características como o exercício da atividade voluntária, a boa vontade e o altruísmo como motivadores, a promoção mútua de benefícios, as trocas culturais e o próprio consumo do turismo. Notou-se esta relação de reciprocidade na descrição dos volunturistas sobre a criação de relações significativas a partir de uma troca não somente no contexto afetivo, mas também no âmbito cultural e de experiências com ganhos para ambos visitantes e residentes.

Hospitabilidade - A partir da descrição realizada pelos próprios volunturistas sobre o modo como agiram com os membros das comunidades locais tanto nas interações relativas à execução do trabalho voluntário quanto a outras vivências durante a viagem de voluntariado, listaram-se as características e atitudes destes consideradas hospitaleiras compiladas por Guimarães (2019). Destaca-se mente aberta como a característica ou atitude com recorrência unânime entre os respondentes. Na sequência, apresenta-se o adjetivo receptivo, seguido por afável e amável. Com apenas uma ocorrência, revelaram-se os itens: acessível; atencioso; caloroso; compreensivo; gentil; respeitoso; tolerante; verdadeiro [Fig. 3].

Figura 3. Características e atitudes do comportamento hospitaleiro de volunturistas



Fonte: Elaboração dos autores (2023).

A postura mente aberta de alguns volunturistas esteve atrelada ao fato de saberem que experienciarão algo novo, como justifica V1 ao informar que *“era realmente uma coisa muito diferente de qualquer experiência que eu tinha tido ou que as pessoas da minha volta tinham tido”*. Segundo V3, *“a curiosidade, a comunicação, essa abertura à diversidade, essa vontade de aprender também ... foram fatores decisivos ali para ... ter bons relacionamentos e uma boa experiência de voluntariado”*.

Observou-se a atitude receptiva dos volunturistas na curiosidade sem *“julgamento ou superioridade ... para as coisas, para conseguir absorver mais a experiência”* (V6), na *“entrega à cultura [para] viver ... uma imersão maior”* (V3), além de uma motivação *“para [ter] maior entendimento de mundo”* (V5). A amabilidade e a afabilidade na descrição dos volunturistas se mistura a outros comportamentos manifestos por um modo de se comunicar expansivo, intenso, presente e atencioso, na postura *“totalmente aberta e amorosa”* no trato com as crianças citado por V7 e na chegada *“com energia, com amor pra [sic] dar”* mencionada por V3, por exemplo. Verificou-se com a avaliação do agir com Hospitalidade pelo prisma do altruísmo, o modo como os volunturistas demonstraram a priorização, o acolhimento e o tratamento com deferência dado aos integrantes das comunidades visitadas.

Esta priorização das comunidades por parte dos volunturistas é potencializada, de acordo com as contribuições dos entrevistados, pelas habilidades hospitaleiras dos turistas regidas pelo espírito ou pela essência da Hospitalidade genuína, versão exemplar e mais virtuosa de

Hospitalidade (Blain & Lashley, 2014; Lashley, 2015), da qual a preocupação primeira do indivíduo reside na satisfação do que o outro necessita, conforme teoriza Telfer (2004). Reforça-se a observação feita por Tasci et al. (2021) quanto ao desafio proposto ao turismo no que concerne à reunião de consumidores e prestadores originários de culturas variadas na cocriação de uma experiência holística e transformacional nas quais a hospitabilidade só poderá ser percebida por meio de uma atitude mente aberta, paciente, atenciosa, flexível e livre de preconceitos.

Hospitalidade e *Ubuntu* - No levantamento de informações sobre o relacionamento dos volunturistas entrevistados com os membros das comunidades visitadas, notou-se que os viajantes tanto na África do Sul, em Gana e no Quênia relataram ter sido muito bem-recebidos, acolhidos e, todos sem exceção, expressaram ter sido recepcionados com amorosidade e com “*uma alegria de receber que é ímpar*” (V1) apesar dos residentes viverem em uma “*situação sem condições*” (V2). Ademais, encontrou-se na descrição do relacionamento com os membros das comunidades visitadas a utilização do termo troca não somente no contexto afetivo com as crianças, mas também cultural e de experiências da qual “*os dois lados saem ganhando*” (V6) com a criação de relações significativas (V4).

Foi um relacionamento de serviço, de troca, um relacionamento de troca de experiências, de troca de experiências e de cuidado com os órfãos ali que estavam na primeira infância, de abertura de conhecimento de mundo para os adolescentes para os, os maiores ali a partir de oito anos e até os adolescentes e aí já conversando muito sobre visões de mundo, experiências, como era nos países que a gente morava, como era lá. Então nós tivemos o tempo de qualidade e entretenimento e de fato entretenimento para conexões (V5).

Entre a maioria dos participantes autodeclarados brancos, abordou-se a questão do contato físico pela estranheza causada aos moradores das comunidades pouco acostumados com indivíduos da pele clara e cabelos com textura distinta dos seus, cujas narrativas abordam a influência do regime segregacionista do *apartheid* sobre esta questão. Captou-se, não somente a partir do testemunho de V2 sobre como o sistema de segregação racial na África do Sul, mas também sobre como o colonialismo, o capitalismo e o neocolonialismo foram instituídos para regular o poder, prejudicar o coletivismo e subjugar países do continente africano, conforme descrito por V3 e V5 que, respectivamente, estiverem no Quênia e em Gana.

Faz-se necessário salientar a existência de narrativas acerca da preocupação dos anfitriões, comunitários e trabalhadores dos recintos onde o trabalho voluntário foi desempenhado para

com os turistas com alertas sobre a violência e recomendações sobre saídas sem o acompanhamento de residentes ou passeios noturnos nas comunidades periféricas. Todavia, é importante frisar que os respondentes afirmaram não terem se sentido inseguros ou terem sido tratados com hostilidade, porém, os relatos analisados demonstraram haver reproduções de ideias preconcebidas e generalizadas acerca do continente africano tanto próprias de alguns dos respondentes quanto aquelas incutidas pelos integrantes do círculo social dos participantes. Outros volunturistas, por sua vez, indicaram como foram impactados por expressões de alegria, felicidade, gratidão e simplicidade dos moradores das comunidades visitadas.

Além de relatos sobre gratidão, revelaram-se outras declarações sobre como as pessoas: dão valor às comunidades que vivem; “nunca deixam de pensar na comunidade” (V2); “demonstram ser muito interligadas” (V5); se apresentam dispostas a ajudar; têm “cuidado com o meio ambiente” (V6). Na percepção de V1, o senso comunitário se define como aquele “de que só fica bom quando fica bom para todo mundo no sentido de você entrar numa espiral positiva” em “uma comunidade que não tem nós contra eles”. Segundo o participante, notou-se uma interdependência não apenas no centro de acolhimento onde ele se apresentava como voluntário, mas em outros espaços por onde circulou.

Kibera prospera se cada um, se todo mundo prosperar. Então isso era uma coisa que ... me chamava muita atenção da comunidade de que você cuida do seu vizinho, e não só, não só do negócio do seu vizinho. Você cuida do seu vizinho, porque se seu vizinho estiver bem e você estiver bem, todos nós estamos bem (V1).

Percebeu-se nos depoimentos a citação de aprendizados, mudanças de atitudes e transformações na vida dos volunturistas entrevistados nos âmbitos individual e coletivo após a realização do voluntariado em consonância com o estudo de Müller, Scheffer e Closs (2020) assim como no apoio à própria comunidade, essência da Hospitalidade africana, e na interdependência entre as pessoas que fazem parte de uma comunidade com base na ideia de que nenhum indivíduo é tão somente uma ilha como propôs Kholopa (2020).

CONCLUSÃO

Este estudo abordou o fenômeno global do volunturismo por meio do exame da cena hospitaleira na relação entre volunturistas brasileiros e comunitários em solo africano. Credo não ser o agir com Hospitalidade exclusivo de quem recebe, mas também de quem visita, debruçou-se sobre o levantamento do perfil e das motivações de volunturistas brasileiros.

Abordou-se a Hospitalidade no continente africano pela perspectiva da filosofia e ética relacional africana *Ubuntu*, geralmente associada aos povos subsaarianos, cuja base está na inextricabilidade humana. No âmbito deste estudo, pode-se afirmar que se identificou a presença de traços que remetem à Hospitalidade em valores expressos pelo exercício da atividade voluntária e pelas habilidades hospitaleiras dos volunturistas. Ademais, notou-se a manifestação e os impactos da Hospitalidade africana e dos princípios de *Ubuntu* por meio dos relatos das experiências, percepções e interações dos volunturistas entrevistados com os residentes dos países da África subsaariana, não somente pelo modo afetuoso e alegre como foram recebidos, mas também pelo senso de comunidade de ganenses, quenianos e sul-africanos com quem conviveram.

Entende-se que há indícios positivos de que a alteridade e a solidariedade são princípios fundantes da Hospitalidade e da filosofia e ética relacional *Ubuntu* a partir do exame da Hospitalidade ofertada por membros das comunidades expressa com alegria, felicidade, gratidão e simplicidade dos residentes assim como pelas trocas de afeto, cultura e de experiências, mas, acima de tudo, pelo impacto do contato dos voluntários com os princípios éticos de *Ubuntu* na relação estabelecida entre os residentes com os seus conterrâneos e com os viajantes. Encontra-se respaldo para esta tendência favorável em razão de uma postura aberta, receptiva e amorosa dos volunturistas brasileiros demonstradas em evidências da priorização, do acolhimento e do tratamento com deferência dado aos integrantes das comunidades visitadas. Contudo, ressalta-se que os resultados apresentados não podem ser generalizados.

Abstraiu-se com esta pesquisa que o êxito da viagem e da experiência de volunturismo como um todo pode ser fortalecido ou até mesmo garantido quando as organizações de turismo voluntário procuram não somente conhecer os elementos motivadores, mas também identificar as habilidades hospitaleiras de seus clientes em potencial para que haja uma alocação adequada dos viajantes em projetos que correspondam aos seus perfis. Vê-se o potencial para pesquisas futuras sobre a Hospitalidade no volunturismo que abordem a estruturação dos programas de voluntariado, no que tange à andragogia, visto que adultos representam o maior número de participantes desta modalidade turística, de modo a priorizar o aprender com os locais ou o paradigma de ser/mudar com a desconstrução da mentalidade dos volunturistas, além do encaminhamento para o desenvolvimento de uma competência hospitaleira.

Outras possibilidades de encaminhamento de estudos se referem ao aprofundamento da investigação dos ritos estabelecidos entre comunitários e volunturistas e à amplificação das vozes dos membros de comunidades para que suas narrativas possam apontar incongruências, como a reprodução do imperialismo ou do neocolonialismo, assim como possam indicar pontos a melhorar e aspectos positivos da prática volunturista e do segmento como um todo. Depreendeu-se com esta investigação que o volunturismo comporta trocas de cunho comercial, social e emocional. Igualmente, notou-se a possibilidade da ocorrência da hospitabilidade nas interações que se dão nas expedições no volunturismo em sua expressão mais desprendida e genuína, capaz de dar destaque à hospitabilidade no comportamento daqueles que praticam o voluntariado.

Este estudo possibilitou a coleta de mais indícios para que se confirme que o volunturismo é uma representação moderna da Hospitalidade clássica, da qual se evidencia no estabelecimento de laços sociais provenientes de atos de cooperação, respeito mútuo, solidariedade – valores que se apresentam também na Hospitalidade tradicional africana. Sobretudo, para que a Hospitalidade se manifeste de modo genuíno é preciso garantir a organização e o planejamento dos programas e projetos de voluntariado em viagens, assim como criar ou empregar meios para que a hospitabilidade dos voluntários se desenvolva ou possa ser expressa em sua integralidade.

743

REFERÊNCIAS

- Bajrami, D. D., Cimbalević, M., Syromiatnikova, Y. A., Petrović, M. D., & Gajić, T. (2023). Feeling ready to volunteer after Covid-19? The role of psychological capital and mental health in predicting intention to continue doing volunteer tourism activities. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 54, 500-512. [Link](#)
- Bandyopadhyay, R. (2019). Volunteer tourism and “The White Man’s Burden”: globalization of suffering, white savior complex, religion and modernity. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(3), 327-343. [Link](#)
- Bandyopadhyay, R., & Patil, V. (2017). The white woman’s burden’ – the racialized, gendered politics of volunteer tourism. *Tourism Geographies*, 19(4), 644-657. [Link](#)
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: 70.
- Benson, A. M. (Ed.) (2011). *Volunteer Tourism: Theoretical Frameworks and Practical Applications*. London: Routledge.

- Binsbergen, W. M. J. (2001). Ubuntu and the globalisation of Southern African thought and society. *Quest: An African Journal of Philosophy*, 15(1/2), 53-89. [Link](#)
- Blain, M., & Lashley, C. (2014). Hospitableness: the new service metaphor? Developing an instrument for measuring hosting. *Research in Hospitality Management*, 4(1/2), 1-8. [Link](#)
- Camargo, L. O. de L. (2021). As leis da Hospitalidade. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 15(2), e-2112. [Link](#)
- Camargo, L. O. de L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.
- Camargo, L. O. de L. (2003). Os domínios da Hospitalidade. In: A. F. M. Dencker & M. S. Bueno. (org.), *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. pp.7-2). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Camargo, L. O. de L. (2015). Os interstícios da Hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, 12(n. especial) 42-69. [Link](#)
- Castiano, J. P. (2010). *Referenciais da Filosofia Africana: Em busca da intersubjectivação*. Maputo: Ndjira.
- Chen, G., Smith, K., & Schott, C. (2023). Role identity of staff in Chinese volunteer tourism sending organisations. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 55, 471-481. [Link](#)
- Colaço, J. (2018, 25 de abril). Volunturismo: a tendência do engajamento nas viagens e vendas. *Panrotas*. [Link](#)
- Derrida, J., & Dufourmantelle, A. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Gil, A. C. (2010). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Grabowski, S. (2013). Volunteer tourists: why do they do it? In: S. Wearing, & N. G. McGehee. (Ed.), *International Volunteer Tourism: Integrating travellers and communities*, pp. 70-83. Wallingford: Cabi.
- Guimarães, G. A. (2019). *Hospitabilidade: avaliação das características e motivações que determinam a capacidade de ser hospitaleiro*. Tese, Doutorado em Hospitalidade, Universidade Anhembi Morumbi, Brasil.
- Higgins-Desbiolles, F., Scheyvens, R. A., & Bhatia, B. (2022). Decolonising tourism and development: from orphanage tourism to community empowerment in Cambodia. *Journal of Sustainable Tourism*, 1-21. [Link](#)
- Kashindi, J. B. K. (2015, 8 de novembro). Metafísicas Africanas – Eu sou porque nós somos. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. *Revista IHU On-Line*, 1(477). [Link](#)

Santos, D. R., & Rejowski, M. (2023). Hospitalidade, hospitabilidade e *Ubuntu* no volunturismo. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(3), 724-747. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i3p724>

- Kashindi, J. B. K. (2017). Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva. *Cadernos IHUideias*, 15(254), 3-22. [Link](#)
- Kaungu, G. M. (2021). Reflections on the role of ubuntu as an antidote to afro-phobia. *Journal of African Law*, 65(S1, 153-170). [Link](#)
- Kholopa, C. A. (2020). *A public pastoral response to Xenophobia in South Africa: Ubuntu and hospitality within an African Christian ethical framework*. Thesis, Doctor of Philosophy in Biblical Studies, North-West University, Africa do Sul. [Link](#)
- Lashley, C. (2015). Hospitalidade e hospitabilidade. *Revista Hospitalidade*, 12(n.especial), 70-92. [Link](#)
- Lashley, C., Lynch, P., & Morrison, A. J. (Ed.) (2007). *Hospitality: A social lens*. Oxford: Elsevier.
- Lashley, C., & Morrison, A. (org.) (2001). *In Search of Hospitality*. London: Routledge.
- Louw, D. J. (2010). Ser por meio dos outros: o Ubuntu como cuidado e partilha. Ubuntu: eu sou porque somos. [Entrevista concedida a] Moisés Sbardelotto. *Revista IHU On-Line*, 1(353), 5-7. [Link](#)
- Lugosi, P. (2008). Hospitality spaces, hospitable moments: consumer encounters and affective experiences in commercial settings. *Journal of Foodservice*, 19(2), 139-149. [Link](#)
- Lynch, P., Molz, J. G., Mcintosh, A., Lugosi, P., & Lashley, C. (2011). Theorizing hospitality. *Hospitality & Society*, 1(1), 3-24. [Link](#)
- Mauss, M. (2018). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Ubu.
- Mbiti, J. S. (1969). *African Religions & Philosophy*. Garden City: Praeger.
- McGehee, N. G. (2014). Volunteer tourism: evolution, issues and futures. *Journal of Sustainable Tourism*, 22(6), 847-854. [Link](#)
- Meneses, R. D. B. (2015). A Hospitalidade entre a ascese e a mística pela amizade segundo Derrida. *Thémata. Revista de Filosofia*, 1(51), 87-103. [Link](#)
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2009). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Montandon, A. (2003). Hospitalidade ontem e hoje. In: A. F. M. Dencker, & M. S. Bueno. (org.), *Hospitalidade: cenários e oportunidades*, pp. 131-144. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Müller, C. V., & Scheffer, A. B. (2019). Turismo voluntário: uma experiência em busca do sentido? Vida e trabalho em questão. *Revista de Administração Mackenzie*, 20(1), eRAMG190095. [Link](#)

Santos, D. R., & Rejowski, M. (2023). Hospitalidade, hospitabilidade e *Ubuntu* no volunturismo. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(3), 724-747. <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i3p724>

- Müller, C. V., Scheffer, A. B. B., & Closs, L. Q. (2020). Volunteer tourism, transformative learning and its impacts on careers: the case of Brazilian volunteers. *International Journal of Tourism Research*, 22(6), 726-738. [Link](#)
- Nussbaum, B. (2003). Ubuntu: reflections of a South African on our common humanity. *Reflections: The SoL Journal*, 4(4), 21-26. [Link](#)
- Nyaumwe, L. J., & Mkabela, Q. (2007). Revisiting the traditional African cultural framework of Ubuntuism: a theoretical perspective. *Indilinga - African Journal of Indigenous Knowledge Systems*, 6(2), 152-163. [Link](#)
- Proyrungroj, R. (2017). Host-guest relationship in the context of volunteer tourism. *European Journal of Tourism Research*, 16(1), 177-200. [Link](#)
- Ramose, M. B. (2002). Africa in the global context. In: P. H. Coetzee, & A. P. J. Roux. (Ed.), *The African Philosophy Reader*, pp. 641-762. Cape Town: Routledge.
- Saccol, A. Z. (2009). Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. *Revista de Administração da UFSM*, 2(2), 250-269. [Link](#)
- Saldaña, J. (2013). *The Coding Manual for Qualitative Researchers*. London: Sage.
- Tasci, A. D., & Semrad, K. J. (2016). Developing a scale of hospitableness: a tale of two worlds. *International Journal of Hospitality Management*, 53(1), 30-41. [Link](#)
- Tasci, A. D., Aktas, G., & Acikgoz, F. (2021). Cultural differences in hospitableness: a study in Turkish Culture. *Tourism and hospitality management*, 27(2), 339-361. [Link](#)
- Telfer, E. (2004). A filosofia da 'hospitabilidade'. In: C. Lashley, & A. Morrison. (org.), *Em Busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*, pp. 53-78. Barueri, SP: Manole.
- Tempels, P. (2016). *A Filosofia Bantu*. Luanda: Kuwindula.
- Tomazos, K., & Murdy, S. (2020). Covid-19 has devastated the popular but flawed volunteer tourism business – here's what needs to be done. *The Conversation*, 6. [Link](#)
- Tourism Research & Marketing. (2008). *Volunteer Tourism: A global analysis*. Barcelona: Association for Tourism and Leisure Education.
- Tutu, D. (1999). *No Future without Forgiveness*. New York: Doubleday.
- United Nations Human Settlements Programme. (2020). *UN-Habitat Sub-Saharan Africa Atlas*. UN-Habitat. [Link](#)
- Vieira, R. (2018, 20 de março). Exclusivo: 10 tendências de viagens na América Latina. *Panrotas*. [Link](#)

Santos, D. R., & Rejowski, M. (2023). Hospitalidade, hospitabilidade e *Ubuntu* no volunturismo. *Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(3), 724-747.
<http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v15i3p724>

Vrasti, W. (2013). *Volunteer Tourism in the Global South: Giving back in neoliberal times*. Routledge.

Wearing, S. (2001). *Volunteer Tourism: Experiences that make a difference*. Wallingford: Cabi.

Wearing, S., & McGehee, N. G. (2013). Volunteer tourism: a review. *Tourism Management*, 38(1), 120-130. [Link](#)

NOTAS

ⁱ Este artigo apresenta os principais resultados de tese de doutorado defendida e aprovada em 2022. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ⁱⁱ Tradução livre do autor.

ⁱⁱⁱ Tradução livre do autor.

^{iv} Tradução livre do autor.

^v Tradução livre do autor.

^{vi} Tradução livre do autor.

^{vii} Tradução livre do autor.

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 16 abr. 2023

Aceito: 06 jul. 2023